Capítulo XVIII — O cristianismo conservado

Tornada a divindade do cristianismo tão visível quanto a existência do sol, pelo simples fato de seu estabelecimento, resta falar de seus admiráveis efeitos sobre o mundo. Para isso, comparando o homem sob o paganismo com o homem tornado cristão, vemos o cristianismo reabilitando todas as coisas: Deus, devolvendo ao mundo a verdadeira noção desse grande Ser; o homem, esclarecendo-o, santificando-o, aliviando-o; a Religião, reatando esse laço sagrado enfraquecido ou rompido; a sociedade, restabelecendo a verdadeira noção do poder e do dever; a família, reconduzindo-a à sua perfeição primitiva pela abolição do divórcio e da poligamia; o pai, fazendo dele não mais um déspota, mas o lugar-tenente venerável e querido do Pai que está nos Céus; a mulher, declarando-a companheira e não escrava do homem; a criança, apresentando-a como um depósito sagrado e abolindo o direito bárbaro de expô-la, de matá-la ou de vendê-la; o escravo, proclamando-o irmão de seu senhor e seu igual diante de Deus; o pobre, o prisioneiro, declarando-os irmãos do Cristo; o estrangeiro, próximo de seu hóspede. Enfim, vemos o cristianismo erguendo por toda parte o ser fraco, substituindo ao direito brutal do mais forte a doce lei da caridade[1].

Comparando assim, em pormenor, o mundo pagão com o mundo tornado cristão, vemos a nova face que todas as coisas tomaram sob a influência do Evangelho. Cada um em particular aprende o que deve ao cristianismo e se vê forçado a amar, como um filho ama seu pai e sua mãe, essa religião benfazeja e o Deus que é seu autor.

Graças à Igreja, eis o mundo tornado cristão. Depois que tantos melhoramentos salutares estão realizados, e depois que os povos, filhos do velho Adão, se tornaram filhos do novo Adão, não parece que, reconhecido a tantos benefícios, o universo deve repousar no seio de uma paz profunda e o cristianismo gozar sem custo seu laborioso triunfo! Sim, parece; mas na realidade não pode ser assim.

As consequências do pecado, relativamente ao homem, estão enfraquecidas, não destruídas: a obra da redenção só será consumada no céu. Enquanto isso, haverá luta: luta intelectual, é preciso que haja heresias; luta moral, é preciso que haja escândalos; luta física, é preciso que haja misérias públicas e particulares[2]. É preciso tudo isso para que nossa vida temporal permaneça o que Deus quer que seja: uma prova, e uma prova meritória, por conseguinte laboriosa. O homem é um soldado; deve conservar sua união com o novo Adão e crescer em perfeição de armas na mão[3].

O inferno e o homem velho farão perseverantes esforços para tornar essa luta perigosa e arruinar a obra da redenção a respeito dos indivíduos e dos povos. Ora suscitarão heresias para alterar a verdade e arruinar a redenção no homem intelectual; ora suscitarão escândalos para substituir a caridade pela concupiscência, a vida sobrenatural pela vida dos sentidos e, por conseguinte, para

arruinar a redenção no homem moral; enfim, o duplo crime do escândalo e da heresia, ou outras causas particulares, atrairão sobre os povos epidemias, guerras, calamidades que tenderão a arruinar a obra da redenção no homem físico, fazendo reviver a lei brutal do mais forte e mergulhando de novo o mundo no estado de sofrimento e de abjeção em que estava sob o paganismo.

Em todos esses pontos de ataque o novo Adão coloca uma sentinela. Aqui vem o desenvolvimento de seu admirável sistema de defesa e de conservação. Feliz quem o compreende! Para ele a história já não tem segredos; vê claramente o plano, o fim, a importância de cada acontecimento; quanto mais o estuda, mais vê que Jesus Cristo é o Rei imortal dos séculos, o alfa e o ômega, o centro para o qual tudo converge. Graças a esse luminoso princípio, sua razão se esclarece, seu juízo se forma, seu coração se inflama; uma religiosa admiração torna-se o sentimento habitual de sua alma, e ele dá conta de tudo com uma superioridade e uma justeza que jamais alcançarão os filósofos sem fé.

Possam nossos esforços levantar uma ponta do véu que esconde tantas maravilhas!

Defensor-nato, conservador universal e permanente da obra da redenção, o sacerdócio ou o sacerdote terá os mesmos caracteres e cumprirá as mesmas funções que Jesus Cristo encarnado; será:

1° Expiador, a fim de aplicar a todas as gerações, seja oferecendo no altar, em todos os pontos do globo e a cada instante da duração do século, o sangue redentor; seja fazendo-o correr gota a gota sobre as consciências no tribunal da reconciliação. Por essa expiação ininterrupta, o sacerdócio impedirá que os crimes dos homens jamais reconstruam, entre o céu e a terra, o muro de separação erguido pela revolta do primeiro Adão e derrubado pelo sacrifício do segundo.

Tal será a função sacerdotal, que dominará todas as outras; tal também o primeiro dever imposto pelo próprio Redentor aos continuadores de sua obra: *«fazei isto em memoria de mim»*[4].

2° Doutor, a fim de impedir, pelo ensino perpétuo da verdade cristã, a ruína da redenção na inteligência. *«Vós sois a luz do mundo»*; *«Ide pois e ensinai todas as gentes»*[5].

3° Modelo, a fim de impedir, pelo exemplo fulgurante da virtude, isto é, pelo amor prático dos bens sobrenaturais, que a concupiscência ou o amor desregrado das coisas sensíveis arruíne a obra da redenção na vontade do homem: *«Vós sois o sal da terra»*.

> *Assim luza a vossa luz diante dos homens: que elles vejão as vossas boas obras, e glorifiquem a vosso Pai, que está nos ceos*[6].

4° Médico de todas as misérias humanas, a fim de prevenir, por uma caridade infatigável, a ruína da redenção no homem físico e o retorno à degradação pagã e aos sofrimentos que dela eram a consequência: Purificai os leprosos, curai os doentes, fazei o bem a todos[7].

O sacerdote é, pois, o conservador-nato do cristianismo. É possível dar dele uma ideia mais justa e mais alta? Lembrar-lhe a ele mesmo, de maneira mais eficaz, a obrigação de todas as virtudes e inspirar mais seguramente aos povos o respeito e o amor de que devem cercá-lo? Ora, como o princípio mau que combate o cristianismo está onde quer que haja homens, sempre armado, sempre procurando minar e corromper a obra divina, o sacerdote também se acha em toda parte; em toda parte velando noite e dia como o pastor sobre seu aprisco ou como a sentinela sobre as muralhas de uma cidade sitiada. Isso quanto aos tempos ordinários.

Mas às vezes os perigos se tornam maiores. Os lobos cruéis rondam mais numerosos e mais encarniçados em torno do redil; os inimigos apertam mais vivamente a praça, já até põem o pé em seu recinto. O pastor isolado torna-se fraco demais para defender o depósito sagrado. Então se faz ouvir o grito de alarme, e os pastores particulares recorrem ao Pastor dos pastores ou, reunindo-se de todas as partes, empregam o meio solene de expulsar os inimigos da fortaleza, os lobos do aprisco, isto é, de deter as heresias e os escândalos: os concílios.

A história dessas augustas assembleias, de suas causas, de suas decisões e de seus êxitos não prova apenas o cumprimento literal da promessa divina:

> *estai certos de que eu estou com-vosco todos os dias, até á consummação do secular*[8]*;*

mostra ainda o absurdo da censura feita à Igreja de criar novos dogmas.

Testemunhas da fé antiga, os pastores se contentam em dar testemunho da crença perpétua de suas Igrejas particulares; seu único receio é que se acrescente, que se retire, numa palavra, que se inove na doutrina. Vede o que se passa em Niceia: o mesmo exemplo se reproduz em todos os concílios.

Ário ataca a divindade do Salvador. O bispo de Alexandria dá o grito de alarme; os bispos dos quatro cantos do mundo são convocados: chegam a Niceia. Dizem eles: Descobrimos, julgamos pela primeira vez que o filho de Deus é consubstancial a seu Pai? Não; mas dizem: Damos testemunho da fé de nossas Igrejas e depomos que elas sempre creram e ainda creem na divindade do Verbo. A doutrina de Ário é oposta à doutrina antiga, é uma novidade: guardiães da fé antiga, condenamos a novidade e o inovador. Assim, não é uma fé nova que estabelecem; é a antiga crença que professam.

Do mesmo modo, quando os bispos reunidos em Trento, de todas as partes da cristandade, condenaram os erros de Lutero e de Calvino, fundaram seus decretos não somente na Escritura santa, mas nas decisões dos concílios precedentes, no sentimento constante dos Padres e nas práticas estabelecidas de todo tempo na Igreja.

É aqui um ato de despotismo ou de autoridade absoluta exercida pelos bispos? Longe disso; é, ao contrário, de sua parte um ato de docilidade e de submissão a uma autoridade mais antiga que eles. Recebem a lei antes de impô-la aos outros. O simples fiel que se submete à sua decisão não

cede, pois, à autoridade pessoal dos pastores, mas à do corpo inteiro da Igreja, de que é membro; e a própria Igreja obedece à autoridade de seu divino fundador cumprindo a ordem de dar-lhe testemunho em Jerusalém, em Samaria, até os confins da terra, até a consumação dos séculos[9].

Notas

[1] Esse grande quadro está apenas esboçado no Catecismo; nós o completamos na História da Família, 2 vol. in-8°.

[2] Oportet et hæreses esse. — 1 Cor 11, 19. — Necesse est ut veniant scandala. — Mt 18, 7. — Per multas tribulationes oportet nos intrare in regnum Dei. — At 14, 21.

[3] Militia est vita hominis super terram. — Jó 7, 1.

[4] Lc 22, 19.

[5] Mt 18, 19 ; 28, 18.

[6] Mt 5, 13, 16.

[7] Id., 10, 8.

[8] Mt 28, 20.

[9] Ver Bergier, Dict. théolog., art. Église.

Revision #1
Created 28 November 2026 17:11:28 by Admin
Updated 28 November 2026 17:11:28 by Admin